

B"H
PARASHAT BEHAALOTECHÁ

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat, após o Shabat, estará à sua disposição

A mitsvá de acender a Menorá

A *Parashá* anterior descreve como os líderes das doze tribos (*nessiim*) inauguraram o Altar do *Mishcan* (Santuário) com seus sacrifícios. Aharon, líder da tribo de Levi, contudo, deixou de se apresentar com um presente similar (de animais e carroças carregadas de oferendas) para o Altar.

Aharon estava envergonhado de oferecer presentes sobre o Altar por causa da sua participação no pecado do bezerro de ouro. Portanto, aguardava um comando Divino. Quando tal ordem não veio, ficou contrito, pois confirmaram-se suas suspeitas de que *Hashem* não o perdoara.

Ao ver que *Hashem* tinha aprovado as doações dos outros líderes, Aharon decidiu também participar; porém já era tarde demais. *Hashem* já havia aceitado as doações de Efráyim (a tribo de Yossef dividia-se em duas, Efráyim e Menashê) contabilizando-as como a décima segunda tribo. Portanto, Aharon não recebeu sua vez dentre os *nessiim*.

"Ai de mim!" lamentou-se Aharon. "O Todo Poderoso não perdoou o pecado do bezerro de ouro."

Não apenas Aharon, mas também toda a tribo de Levi sofria porque seu representante não oferecera sua porção dos sacrifícios da dedicação do Altar.

Todavia, a verdadeira razão pela qual *Hashem* impediu Aharon de participar desses sacrifícios é esclarecida através da seguinte parábola:

Um rei proclamou que uma grande festa seria realizada nos jardins do palácio. Seus mensageiros percorreram o país inteiro convidando o público a participar. Anunciou-se em todas as associações de trabalhadores que seus membros estavam convidados para a festa do rei.

Apenas o amigo do rei, certo nobre, esperou em vão um mensageiro convocá-lo para a celebração.

"O rei deve estar chateado comigo!" pensou, "se não, por que me ignora?"

Após findarem as festividades, o rei enviou um mensageiro particular à casa do amigo.

"A festa para as pessoas comuns terminou," informou ao nobre. "Amanhã o rei dará outro banquete somente para você. Ele deseja distingui-lo pois você é seu amigo íntimo."

Similarmente, *Hashem* não aceitou as doações de Aharon, pois honra maior lhe fora reservada; receberia a *mitsvá* de preparar a *Menorá*. Sua tribo, a de Levi, também receberia distinção especial. Seriam santificados como servos de *Hashem* numa cerimônia descrita no próximo capítulo.

Hashem consolou Aharon dizendo: "Não se aflija! Reservei para você uma *mitsvá* que sobrepuja as oferendas dos sacrifícios da dedicação. Você e seus filhos prepararão a *Menorá* no *Mishcan* e no *Bet Hamicdash* (Templo).

"A *mitsvá* do acendimento da *Menorá* será eterna. Seus descendentes, os *cohanim*, conhecidos como *Chashmonaim*, instituirão a *mitsvá* permanente de acender as velas de *Chanucá*. Assim, sua '*chanucá*' (inauguração) continuará para sempre; enquanto que a *chanucá* (inauguração) dos líderes das tribos é temporária." *Hashem* usou um termo nada usual para "acender" a *Menorá*, dizendo: "*Behaalotechá* / Quando você fizer subir" em vez de "*behadlikchá* / ao acender". Dentre outras implicações, este termo denota "Você será elevado". Cumprindo a *mitsvá*, os judeus tornam-se espiritualmente elevados.

Certa noite, um homem rico disse a seu amigo, um simples trabalhador, que jantaria na casa dele. O trabalhador arrumou a casa deixando-a um brinco, preparou a comida e iluminou a sala de jantar com velas.

Quão embaraçado ficou, contudo, ao ver seu amigo rico chegar. Um séquito de servos, alguns carregando brilhantes candelabros acesos, outros tochas flamejantes, acompanhavam-no.

O anfitrião correu à sala de jantar e apagou suas velas, cujo lume parecia realmente mortiço e fraco, comparado às luzes que se esparramavam para dentro. Rapidamente, escondeu os castiçais numa gaveta. Quando o rico convidado entrou e viu a sala escura, perguntou admirado: "Você não estava me esperando esta noite? Por que não acendeu luz alguma?"

"Eu acendi; porém quando vi as resplandecentes luzes que seus servos carregavam, fiquei muito envergonhado em mostrar minhas simples velas."

O rico dispensou imediatamente os servos. "Jantarei apenas com as luzes de suas velas, para mostrar-lhe o quanto você me é querido."

Similarmente, Moshê não conseguia compreender porque *Hashem* desejava que uma *Menorá* fosse acesa no Santuário. Sempre que entrava, encontrava o *Mishcan* brilhando com o esplendor da *Shechiná* (Presença Divina). Como poderiam as luzes da pobre *Menorá* terrestre serem comparadas ao esplendor que a *Shechiná* irradiava? Portanto, *Hashem* disse a Moshê: “*Behaalotechá* / Você se tornará espiritualmente elevado acendendo a *Menorá*. Eis porque Eu lhe dei a *mitsvá*.”

Além disso, esse termo significa também:

A *Menorá* deve ser colocada sobre uma plataforma com degraus que conduzem até lá. O *cohen* deve subir a plataforma para o acendimento. “*Behaalotechá*” significa, assim, “quando você subir”.

A *mitsvá* é cumprida acendendo-se cada chama até que esta suba por si. Assim, *Behaalotechá* significa “quando você a fizer subir”.

Para demonstrar que o Todo Poderoso não necessita de nossa luz, Ele ordenou que os três braços de cada lado da *Menorá* estejam inclinados em direção ao centro, e não para fora.

Apesar de Aharon poder enviar um de seus filhos para acender a *Menorá*, cumpriu pessoalmente a *mitsvá* com o maior zelo e exatidão durante toda sua vida.

Esta *mitsvá* é tão querida aos olhos de *Hashem* que é mencionada diversas vezes na *Torá*. A cada vez são acrescentados novos detalhes.

Hashem advertiu Aharon a não subestimar a grandeza da *mitsvá* de preparar a *Menorá*.

Por causa de sua importância, não era realizada toda de uma vez. Ao limpar a *Menorá* pela manhã, o *cohen* limpava cinco lâmpadas, partia para outra *avodá* (serviço) e só então limpava as duas lâmpadas remanescentes. Desta forma, o ato se estendia, e atraía a atenção das pessoas que visitavam o pátio do Templo.

Os levitas são purificados antes de iniciar o serviço do *Mishcan*

Após os levitas serem escolhidos para ajudar os *cohanim* no *Mishcan*, *Hashem* ordenou-lhes que se tornassem puros para seu serviço.

“Reúne os levitas e purifica-os como te ordenei,” *Hashem* disse a Moshê.

Moshê reuniu os levitas: “Vocês têm sorte por serem escolhidos como servos do Todo Poderoso,” Moshê anunciou-lhes. “Agora serão purificados para Seu serviço.”

Eis como os levitas foram purificados:

1. Foram borrifados com uma mistura especial de água contendo as cinzas de uma vaca vermelha. Os levitas também mergulhavam num *micvê*.

2. Os pêlos em seus corpos eram raspados. *Hashem* ordenou que cada levita fosse completamente raspado, não restando um único fio de cabelo em seu corpo.

O próprio Moshê era um levita. Ele foi também completamente raspado.

3. Eles ofereceram sacrifícios: Tinham ainda que oferecer um *chatat* (oferenda pelo pecado) e um *olá* (oferenda que é completamente queimada).

4. Os primogênitos de Israel pousavam suas mãos sobre a cabeça dos levitas como sinal de que haviam transferido seu serviço para eles.

5. Os levitas eram levantados: Aharon erguia cada levita e o movia para trás e para a frente, e então para cima e para baixo (*tenufá*). Então Moshê fazia o mesmo. Isto era feito a 22.000 levitas. Podemos imaginar como Moshê e Aharon precisavam ser fortes para erguer tantos homens.

Por que *Hashem* ordenou que os levitas fossem balançados?

Este ato significava que Aharon adquiriu os levitas como auxiliares, de acordo com a Lei Judaica que um objeto pode ser adquirido através de *kinyan*, ao erguê-lo.

Após serem seguidas as instruções de *Hashem*, os levitas estavam puros e prontos a começar seu serviço.

Pêssach Shení*, a segunda oportunidade de trazer a oferenda de *Pêssach

Benê Yisrael deixaram o Egito em *Pêssach* do ano 2448. Agora já era quase um ano mais tarde – era *Rosh Chôdesh Nissan* de 2449. *Pêssach* se aproximava novamente.

Moshê ensinou então a *Benê Yisrael*: “Devem guardar as leis de *Pêssach* como *Hashem* as ordenou. Tragam uma oferenda de *Pêssach* em 14 de *Nissan* à tarde, e comam-na à noite com *matsá* e *maror* (ervas amargas). Não comam *chamêts* durante todos os sete dias de *Pêssach* e não trabalhem em *Yom Tov*.”

Somente os indivíduos purificados poderiam participar da oferenda de *Pêssach*. Para tanto, não poderiam ter entrado em contato com um corpo morto, pois isto os tornava impuros.

Ao ouvir isto um grupo de distintos *tsadikim* decidiu dirigir-se a Moshê e Aharon para externar sua reclamação. “Estamos impuros, pois como representantes de *Benê Yisrael*, guardamos o caixão de Yossef. Deveríamos ser privados da *mitsvá* de *corban* (sacrifício de) *Pêssach* porque estamos carregando o esquife de Yossef em nome da comunidade?”

(Antes de sua morte, Yossef fez *Benê Yisrael* prometer: "Quando *Hashem* os redimir do Egito, levem meus ossos com vocês e os enterrem em *Êrets Yisrael*." Foi Moshê quem resgatou o caixão de Yossef do Rio Nilo, onde os mágicos egípcios o haviam afundado. O caixão foi carregado pelo deserto próximo à Arca de *Hashem*, como uma homenagem especial ao *tsadic* Yossef.)

"Não pedimos permissão para comer do *corban Pêssach*; apenas desejamos saber se um *cohen* pode levar o sacrifício em nosso lugar, e aspergir o sangue."

Moshê respondeu: "Vocês são pessoas notáveis. Portanto, estou certo de que *Hashem* me concederá uma resposta ao seu pedido. Deixem-me entrar no *Mishcan* e falar com Ele."

Moshê foi maior que qualquer outro profeta da história. Sempre que tinha um problema, simplesmente o levava a *Hashem* – assim como um aluno apresenta a pergunta ao seu professor – e sempre recebia uma resposta.

Moshê entrou no *Mishcan* para apresentar a questão perante *Hashem*. Foi então instruído nas leis de *Pêssach Sheni*, também chamado de *Pêssach Catan*, o *Pêssach Menor*.

Estas leis não foram reveladas a Moshê anteriormente, para que pudessem ser registradas em mérito das pessoas virtuosas que estavam ansiosas para cumprir uma *mitsvá*.

Hashem ensinou a Moshê: "Se um judeu, por qualquer motivo válido, não pode oferecer o sacrifício de *Pêssach* (por exemplo, se estiver impuro ou longe do Santuário), ele oferece, em vez disso, um mês depois, em 14 de *Iyar*. "Ele observa todas as leis do sacrifício de *Pêssach*; realiza o abate na tarde de 14 de *Iyar* e come o sacrifício à noite, junto com *matsá* e *maror*. Contudo, em *Pêssach Sheni* ele não precisa remover o *chamêts* de seus domínios como deve fazê-lo no verdadeiro *Pêssach*, nem precisa abster-se de trabalhar."

Por isso é denominado "o Pequeno *Pêssach*". Embora seja similar a *Pêssach*, não é um verdadeiro *Pêssach*. A pessoa pode manter *chamêts* dentro de casa e fazer trabalhos proibidos em *Yom Tov*.

As leis de *Pêssach Sheni* aplicam-se apenas a indivíduos impuros. Se a maioria da comunidade estiver impura em 14 de *Nissan*, a *Torá* ordena que apesar disso os cordeiros de *Pêssach* sejam abatidos como de costume na tarde de 14 de *Nissan*.

Hashem disse: "Yossef, a passagem sobre *Pêssach Catan* foi revelada em mérito dos judeus terem carregado os seus ossos."

A Grandeza da Geração do Deserto

A *Torá* explica que durante suas andanças no deserto, *Benê Yisrael* eram dirigidos pelas Nuvens de Glória, e descreve o caminho pelo qual viajaram.

Há diversas razões pelas quais a *Torá* se estende acerca da maneira como *Benê Yisrael* viajavam, dentre elas:

1. Algumas nações gentias alegavam que o povo judeu andava sem rumo porque Moshê não sabia o caminho. Por isso, a *Torá* enfatiza que todas as jornadas eram ditadas por comando Divino.

2. A *Torá* revela a grandeza da geração do deserto. Seus membros não foram perguntados se queriam ou não viajar, nem se queriam ou não permanecer em alguma parada. Não, eles seguiram obedientemente as Nuvens de Glória. Sempre que essa se instalava sobre o *Mishcan*, acampavam; sempre que partia, eles também partiam. Às vezes, *Hashem* escolhia um local não agradável para acampar. Por exemplo, em Mará as águas eram amargas e não potáveis. Contudo, a Nuvem permaneceu em tal lugar. Às vezes, chegava num local com boas fontes de água e árvores, como Elam, contudo, as Nuvens de Glória partiam logo após a chegada. Nunca sabiam o quanto demorariam em cada parada ou jornada. Poderiam ter acabado de desempacotar e se instalarem; quando as Nuvens se levantavam, continuavam viagem.

O período de andanças no deserto ensinou o judeu a seguir a liderança de *Hashem* com fé absoluta. Adquire, assim, fé e confiança em *Hashem* para os longos anos de exílio, enquanto perambula através do "deserto das nações", como o exílio foi denominado. Até hoje, os judeus não perderam sua fé na vinda de Mashiach, pois foram treinados a ter esperança e aguardá-lo. "Mesmo que (a Redenção Final) demore, espere-a, pois certamente chegará" (*Chavacuc* 2:3).

Parece quase sobre-humano que milhões de pessoas, inclusive crianças pequenas e bebês, viajassem de boa vontade nesse sistema por um período de quarenta anos. Os judeus demonstravam desta maneira sua total prontidão a se submeterem completamente à Vontade Divina.

Contudo, como veremos futuramente (na *Parashá* de *Maassê*), *Hashem* foi bondoso com *Benê Yisrael* e permitiu-lhes permanecerem por muitos anos num local permanente no deserto.

Esta maravilhosa geração foi louvada por *Hashem*: "*Co amar Hashem: zacharti lach chéssed neurayich, ahavat kelulotayich, lechtech acharay bamidbar beêrets lo zeruá*" / "Assim disse *Hashem*: Eu Me lembrei da bondade de sua juventude, seu amor como noiva, ter Me seguido no deserto, numa terra não semeada" (*Yirmiyáhu* 2:2).

Chatsotsrot, as duas trombetas de prata de Moshê

Aquele que teme a *Hashem* é promovido a uma posição de autoridade.

Moshê temia *Hashem*, por isso foi transformado num líder cuja autoridade sobre o povo equivalia a de um rei judeu.

Hashem lhe disse: "Moshê, és um rei. Por isso, faz trombetas que soem para ti, exatamente como os reis fazem soar trombetas antes de sair em batalha. Tenha duas trombetas confeccionadas para sua posse particular. Não poderão ser tocadas para qualquer outro líder."

A santidade das trombetas de Moshê era tão grande que foram ocultadas antes de seu falecimento, para que nenhum líder ou rei que viesse depois pudesse usá-las. Nem mesmo seu sucessor, Yehoshua, podia possuí-las. Quando Yehoshua conquistou Yerichô, sua primeira vitória em *Êrets Yisrael*, os *cohanim* tocaram *shofarot*, mas não as trombetas de Moshê.

Hashem ordenou que as duas trombetas de Moshê fossem exatamente idênticas e feitas de prata. Trombetas de ouro lembrariam o pecado do bezerro de ouro.

Cada partida de *Benê Yisrael* no deserto era anunciada através de três sinais:

1. Primeiro, as Nuvens de Glória, que habitualmente pairavam sobre o *Mishcan*, enrolavam-se e transformavam-se numa coluna ereta, significando que a partida era iminente.
2. Moshê então proclamava: "*Cuma Hashem / Levanta Hashem!*" – obrigando a Nuvem a começar a viajar.
3. Os *cohanim* soavam a chamada especial de partida nas duas trombetas de prata. Ao ouvir isso, o povo iniciava sua jornada.

Além de sinalizar a partida, as trombetas também eram usadas para anunciar assembléias da congregação inteira, assim como assembléias dos líderes das tribos. Sons diferentes anunciavam cada evento.

Hashem instituiu, para todas as gerações, a *mitsvá* de soar as trombetas nas seguintes ocasiões:

- ✓ Em épocas de calamidade, por exemplo, quando um inimigo ataca, em secas, pragas, e assim por diante. Ao ouvir o som da trombeta, *Hashem* promete lembrar-Se de *Benê Yisrael* favoravelmente, e resgatá-los do perigo. Alarmados pelo toque da trombeta, os judeus seriam despertados de sua letargia e fariam *teshuvá*. Mereceriam então a assistência Celestial.
- ✓ No *Bet Hamicdash*, os *cohanim* soavam as trombetas diariamente, enquanto os sacrifícios comunitários de *tamid* eram oferecidos.
- ✓ Havia, ao todo, pelo menos vinte e um sons de trombeta soados no *Bet Hamicdash* todo dia:
 - Três pela manhã, para sinalizar que os portões foram abertos.
 - Nove durante a oferenda matinal diária de *tamid*.
 - Nove durante a oferenda vespertina diária de *tamid*.
 - Outras nove, se houvesse sacrifício de *mussaf* (em *Shabat*, *Rosh Chôdesh* e festividades).
 - A cada véspera de *Shabat*, três sons eram soprados à tarde, para lembrar ao povo que já era hora de parar de trabalhar. Quando o *Shabat* estava prestes a começar, mais três sons eram soprados.

Yitrô quer se despedir de Benê Yisrael

Yitrô, sogro de Moshê, viajava com *Benê Yisrael* no deserto. Após sua conversão ao Judaísmo recebera um novo nome, "*Chovev* – Aquele que ama a *Torá*".

Moshê informou a Yitrô: "Estamos nos dirigindo agora para *Êrets Yisrael*. Chegaremos lá em três dias".

Naquele instante, *Benê Yisrael* não haviam ainda pecado e iriam entrar na Terra Santa imediatamente. Moshê também achava que estaria entre aqueles a entrar em *Êrets Yisrael*.

"Vou lhes deixar agora," disse Yitrô, "quero regressar à minha terra. Tenho razões para lá retornar".

Ele explicou a Moshê: "Ali possuo propriedades. Quando chegarmos a *Êrets Yisrael*, a terra será dividida entre as tribos. Sou um convertido que não receberá nenhuma porção. Deixe-me voltar para minha própria terra onde posso viver dos frutos do meu campo. Não só deixei lá todos os meus bens, mas também desejo ensinar *Torá* para minha família e amigos e convertê-los ao Judaísmo.

"Pense bem e você verá que sou necessário em Midyan e não aqui. Comparado a você, Moshê, cuja luz é tão brilhante como o sol, e Aharon, cujo brilho é similar à lua, eu não posso lhes iluminar mais que a chama de uma vela. Portanto, deixe-me ir."

"Por favor, não vá embora!" Moshê implorou ao sogro. "Se assim fizer, as pessoas dirão: 'Se Yitrô acreditasse que a *Torá* é verdadeira não teria deixado os judeus.' Mas se você continuar viajando conosco, todas as nações saberão que a *Torá* é verdade."

Os povos poderiam pensar também que Yitrô não fora tratado com bondade. Futuros convertidos poderiam desistir de se juntar a *Benê Yisrael* achando que os judeus desapontaram Yitrô.

Moshê estava preocupado com um possível *Chilul Hashem* (profanação do nome de *Hashem*) que resultaria com a saída de Yitrô.

Moshê insistiu com Yitrô: "Você viu com seus próprios olhos as maravilhas que *Hashem* fez conosco no deserto. Nós te amaremos e honraremos, pois nos foi ordenado amar os convertidos. Cuidaremos de ti como a pupila dos nossos olhos."

Moshê também prometeu a Yitrô: "Não se preocupe em não poder ganhar seu sustento em *Êrets Yisrael*. Apesar de não podermos lhe dar campo algum em *Êrets Yisrael* como posse permanente, podemos lhe conceder outros benefícios. Você e seus filhos viverão na frutífera cidade de Yerichô e suas cercanias. Você poderá lavrar as terras até que o *Bet Hamicdash* seja construído."

(As vizinhanças de Yerichô, onde o solo era fértil e produzia tamareiras, não foram loteadas para nenhuma tribo em especial durante a distribuição da terra. Eram consideradas propriedade comum a *Benê Yisrael*. Decidiu-se que a tribo em cuja porção o *Bet Hamicdash* fosse eventualmente construído receberia, em troca, o distrito de Yerichô como presente. Deste modo, todas as tribos sentiriam que haviam contribuído com terras para o *Bet Hamicdash*.)

"Mais ainda, não subestime sua sabedoria. Assim como você nos aconselhou tão bem sobre a designação dos juízes, (ver *Parashat Yitrô*) assim também você nos esclarecerá outros assuntos complexos."

Yitrô finalmente concordou com o pedido de Moshê. Sua escolha de permanecer com *Benê Yisrael* foi correta, conforme veremos adiante.

Os descendentes de Yitrô tornam-se grandes sábios

Os netos de Yitrô entraram em *Êrets Yisrael* e, conforme Moshê prometera, receberam o solo produtivo de Yerichô e suas cercanias. Viveram nessa propriedade e cultivaram-na durante 440 anos, até que o *Bet Hamicdash* fosse construído. Então foi dado à tribo de Binyamin, em cujo território encontrava-se o Monte do Templo (*Har Habáyit*).

Alguns dos descendentes de Yitrô tornaram-se ilustres em *Benê Yisrael*. Apesar de viverem numa porção frutífera de *Êrets Yisrael*, não estavam contentes. Em vez de gastar o tempo no cultivo da terra, desejavam dedicar-se totalmente ao estudo de *Torá*.

Perguntaram: "Onde podemos encontrar um professor de *Torá* que possa ensinar-nos?"

"Há um grande estudioso de *Torá* de nome Yaavets (outro nome de Asniel *ben* Kenaz, o primeiro dos juízes após o falecimento de Yehoshua)," disseram-lhes, "porém as redondezas onde ensina é terra deserta, onde não crescem grãos e viverão na pobreza".

Não levando em conta a perda material, esses descendentes de Yitrô mudaram-se para o deserto.

Encontraram Yaavets ensinando num espaçoso *Bet Hamicdash*, com enorme público presente, inclusive *cohanim*, *leviyim* e judeus de ascendência nobre.

Os descendentes de Yitrô disseram humildemente: "Somos apenas convertidos, como poderemos nos juntar à essa nobre assembléia?"

Por isso, sentaram-se ao portão de entrada da casa de estudos. Ali, escutavam atentamente às palestras de Yaavets. Por fim, tornaram-se destacados estudantes de *Torá*. Os descendentes de Yitrô ficaram famosos ao se tornarem líderes do *San'hedrin* (a mais alta corte judicial) que ensinavam *Torá* a *Benê Yisrael*.

Como o povo afastou-se do Monte Sinai

Depois de haver recebido a *Torá*, *Benê Yisrael* permaneceram ao pé do Monte Sinai por quase um ano. Armaram o *Mishcan* e aprenderam novas *mitsvot* a cada dia.

Então Moshê anunciou: "Deixaremos o Monte Sinai e iremos diretamente a *Êrets Yisrael!*" *Benê Yisrael* estavam contentes com esta boa notícia. Porém, não só estavam felizes porque estavam prestes a viajar para *Êrets Yisrael*, também estavam contentes em ir embora do Monte Sinai. Eles pensavam: "Precisamos umas 'férias' de *Torá* e *mitsvot!*" Durante quase um ano, Moshê lhes ensinou novas *mitsvot* diariamente. Eles precisavam cumprir todas elas. As *mitsvot* que *Hashem* queria que aprendessem e cumprissem pareciam não ter fim! "Vamos sair daqui rápido," pensaram *Benê Yisrael*, "ou logo teremos que ouvir novos ensinamentos!"

Deixaram o *Har Sinai* com pressa, assim como crianças de escola saem correndo no fim do dia. *Hashem* ficou chateado com *Benê Yisrael*. Não sabiam eles que fugir de *Torá* e *mitsvot* é como se afastar da vida?

Eis aqui uma famosa parábola que ilustra este conceito.

Durante a época do Segundo Templo, os romanos dominavam *Êrets Yisrael*. Proibiram os judeus de estudar a *Torá*. Mesmo assim, o grande sábio Rabi Akiva reunia seus alunos como de hábito e os ensinava *Torá*.

"Não tem medo de que os Romanos o apanhem e o matem?" perguntaram alguns judeus.

"Deixem que eu responda com uma parábola" – disse ele. "Uma raposa certa vez passeava ao longo da praia, quando olhou para a água e viu os peixes nadando para a frente e para trás, nervosos porque os pescadores haviam espalhado suas redes para apanhá-los.

" 'Peixes, peixes!' chamou a raposa usando sua voz mais doce. 'Vou ensiná-los uma maneira fácil de escapar das redes dos pescadores! Venham até a terra seca e viveremos juntos como bons amigos!'

" 'Raposa tola!' riram-se os peixes. 'É verdade que na água podemos ser apanhados na rede. Mas assim que sairmos do mar, nem ao menos podemos respirar. Então com certeza morreremos.'

“O mesmo ocorre com os judeus,” explicou Rabi Akiva. “Se deixarmos as águas da *Torá*, certamente morreremos. Por isso, é melhor que estudemos *Torá*, mesmo em épocas perigosas.”

Quando *Benê Yisrael* deixaram o Monte Sinai, *Hashem* viu que eles não entenderam totalmente que Suas *mitsvot* transmitiam vida. Demonstravam que consideravam *Torá* e *mitsvot* como uma carga, um ônus, ao invés de um benefício. Um judeu deve sempre correr para a *Torá* e *mitsvot*, ao invés de correr para longe delas.

Hashem considerou esta conduta como pecado

Dentro de três dias, *Benê Yisrael* pecaram novamente, ao reclamarem sobre o *man* (maná) e exigirem carne. Uma vez que esses dois pecados foram seguidos por um terceiro, a *Torá* escolhe não narrá-los em seqüência próxima, a fim de evitar que *Benê Yisrael* fossem rotulados de “pecadores permanentes”. (Um acontecimento triplo confere o status de permanente a um comportamento, o que chamamos em hebraico de *chazacá*).

A *Torá*, por conseguinte, separa os dois episódios um do outro para não condenar os judeus como pecadores contumazes. A *Torá* interpõe entre ambos a passagem de “*Vayehi Binsoa*”, que traz honra a *Benê Yisrael*.

Apesar dos judeus evocarem o desagrado de *Hashem* apressando-se em partir do Monte Sinai, Sua bondade com eles continuou. Ele instruiu a Arca a conceder-lhes uma jornada agradável. Viajava à frente de *Benê Yisrael*, a uma distância de três dias de caminhada. Duas faíscas irradiavam da Arca, eliminando todos os perigos, tais como cobras, escorpiões, e inimigos que desejavam emboscar *Benê Yisrael*. *Hashem* designou a Arca da Aliança para agir como um capitão que cavalga à frente de seu exército.

Vayehi Binsoa Haaron – A prece de Moshê quando o povo partia ou chegava

A *Torá* relata as preces de Moshê sempre que o povo partia numa jornada e quando estavam para acampar.

Quando *Hashem* queria que os judeus deixassem alguma parada, Ele fazia com que a Nuvem que pairava sobre o *Mishcan* se levantasse e se enrolasse numa coluna, como que pronta para partir. Contudo, não começava a viajar até que Moshê assim o ordenasse, proclamando: “*Cuma Hashem!*”

Quando Moshê pronunciava estas palavras, a Arca começava a balançar-se para frente e para trás, como que indicando que estava pronta para viajar. Isto demonstrava a *Benê Yisrael* a presença da *Shechiná* sobre eles.

Sempre que uma partida era iminente, Moshê erguia as mãos em prece e implorava ao Todo Poderoso:

“*Cuma Hashem – Levanta Hashem*

Veyafutsu oivecha – Sejam dispersados seus inimigos

Veyanussu messan’echa mipanecha – e para que aqueles que te odeiam fujam da tua frente.”

Originalmente, os judeus estavam destinados a viajarem direto a *Êrets Yisrael*. Se assim fosse, não haveria necessidade de guerra na conquista. Em vez disso, as nações fugiriam assim que *Benê Yisrael* aparecessem. Moshê orou para que os inimigos fossem dispersados e fugissem ao verem a *Shechiná*.

Hoje dizemos estes versículos na sinagoga quando o rolo da *Torá* é tirado da Arca Sagrada para a leitura da *Torá*.

Sempre que *Hashem* desejava que *Benê Yisrael* se estabelecessem em algum lugar, as Nuvens de Glória que viajavam à frente deles parava. Contudo, não se desenrolava e estendia-se sobre o *Mishcan* até que Moshê lhe concedesse permissão para fazê-lo, rezando:

“*Shuva Hashem – Descansa Hashem,*

Revavot Alfê Yisrael – entre as dezenas de milhares e milhares de Yisrael.”

Moshê pedia com isso a *Hashem* para certificar-se de que todos de *Benê Yisrael* estivessem seguros e nenhum se perdesse.

O versículo também significava: “Abençoe o povo judeu de forma que cada centena deles possa multiplicar-se em dezena de milhar.”

Uma vez que Moshê possuía, por assim dizer, o poder de comandar a Nuvem para que se instalasse, aproveitou a oportunidade para pedir a bênção acima. Disse: “Não permitirei que a *Shechiná* descanse até que eu tenha conseguido uma bênção para *Benê Yisrael*.”

No início e no final da passagem acima, que relata as preces de Moshê (10:35-36), a *Torá* coloca parênteses especiais sob a forma de duas letras (hebraicas) *nun* invertidas.

Qual o propósito destes símbolos?

Demonstram que este assunto está deslocado aqui. Uma vez que descreve as orações de Moshê quando os judeus partiam e acampavam, deveriam estar registrados junto com o assunto dos *degolim* (estandartes) na *Parashá* de *Bamidbar*, a *Parashá* que descreve as viagens de *Benê Yisrael* no deserto.

Contudo, como explicado, *Hashem* inseriu aqui esses versículos para separar os dois pecados de *Benê Yisrael*.

Os queixosos que desejavam carne

Hashem desejava purificar a geração do deserto. Suas realizações morais e espirituais teriam de fazer parte integrante do caráter do povo judeu. Por isso, Ele guiou os membros daquela geração através de várias paradas, cada uma das quais apresentando um teste particular.

A estação de *Kivrot Hataavá*, aonde *Hashem* levou *Benê Yisrael*, gerou desejos físicos.

Ao chegarem lá, os convertidos egípcios que eram os elementos mais baixos do povo (*erev rav*) foram os primeiros a serem subjugados pelos desejos. Começaram a resmungar sobre sua inaptidão em satisfazer suas vontades.

Queixaram-se oficialmente que lhes faltava carne. Contudo, esta exigência era meramente um disfarce para sua vontade de cederem aos desejos físicos como fizeram no Egito, antes de as restrições da *Torá* serem impostas. (Pois se seu único desejo fosse obter carne, poderiam ter abatido algumas cabeças de gado. Os judeus não haviam trazido rebanhos com eles ao saírem do Egito? Talvez *Benê Yisrael* estivessem temerosos de abater estes animais. Devem ter pensado que precisariam dos animais no futuro. E o *erev rav* não tinha quaisquer animais. Estes haviam morrido durante as dez pragas no Egito.)

O *erev rav* criou comoção, lembrando *Benê Yisrael* de sua irrestrita vida anterior.

"Lembramo-nos do peixe que comíamos no Egito" – exclamaram.

"Lá, não tínhamos o fardo das *mitsvot*. Nunca recitávamos uma bênção sobre alimentos. Era uma vida fácil, sem cumprir todas essas *mitsvot*."

(Uma pessoa ingrata pode facilmente deturpar a verdade. Os judeus tinham se esquecido completamente que haviam trabalhado como escravos no Egito.)

Alguém concordou: "Desde que deixamos o Egito não experimentamos o gosto de pepinos, melões, alho-porós, cebolas ou alhos, apenas *man*."

Apesar de o *man* produzir o sabor de qualquer alimento que a pessoa quisesse, não produzia o sabor desses cinco vegetais, porque seu consumo é prejudicial às mulheres lactantes.

Na verdade, o *man* também podia assumir o sabor de carne. Portanto, o *erev rav* deflagrou uma campanha geral de críticas contra o *man*, como que para justificar seu pedido por carne.

Alguns lamentavam-se: "É verdade que o sabor do *man* varia, mas não sua aparência. Não é agradável ver *man* pela manhã, *man* ao almoço e *man* ao jantar."

Outras queixas foram expressas em voz alta.

Alguns clamavam: "Como se pode permanecer saudável com um alimento que não causa excreções? Nossos estômagos terminarão por explodir."

Outros reclamavam: "É muito difícil viver no sistema do dia-a-dia. Estamos constantemente preocupados se descerá ou não algum *man* no dia seguinte. Se não, nossas famílias passarão fome. Por que não podemos estocar suprimentos de *man*?"

Na verdade, as reclamações eram devidas ao fato de que apenas grandes *tsadikim* podem viver felizes alimentando-se de *man*.

Apesar de o *man* conter todas as vitaminas e ingredientes saudáveis necessários ao corpo, não satisfaz uma pessoa que busque comer até se sentir satisfeito. Era um alimento delicado e etéreo, que agradava a mente mais que qualquer outro apetite físico. Um *tsadic* ficava contente e satisfeito pois o *man* nutria sua alma; ingerindo-o, ganhava nova percepção da *Torá*. Quanto mais elevado o *tsadic*, mais intuição e sabedoria ganhava comendo sua porção diária de *man*. Os que não estavam em tão elevado nível, contudo, desejavam uma refeição que satisfizesse fisicamente, e encontravam pouca satisfação no *man*.

A *Torá* refuta as críticas de *Benê Yisrael* ao *man* enfatizando novamente suas admiráveis qualidades.

"Vejam sobre que alimento maravilhoso reclamam!" *Hashem* nos conta na *Torá*. Ele tinha uma aparência brilhante e atraente, como um cristal, o *bedôlach*. Seu sabor era maravilhosamente doce. E apesar de descer a céu aberto, não era contaminado pela terra ou insetos, pois cada porção individual estava envolta em orvalho, a fim de que *Benê Yisrael* a recebessem perfeitamente puras.

Hashem estava muito irado com o fato de os judeus terem sucumbido aos seus desejos.

Um fogo desceu do Céu e devorou os instigadores do *erev rav*.

Quando *Benê Yisrael* viram o fogo devorando o *erev rav*, foram tomados de temor. Será que a conflagração se espalharia e também os queimaria?

Envergonhados demais para dirigirem-se diretamente a *Hashem* após suas reclamações sobre o *man*, imploraram a Moshê que orasse por eles.

Hashem aceitou a reza de Moshê. O fogo afundou no local onde surgira.

Sob que prisma enxergar as falhas da Geração do Deserto

Rabênu Meshulam, um sábio sefaradita, era o médico pessoal de um rei da Arábia.

O rei desafiou-o: "Seus ancestrais eram um povo muito ingrato. Tinham o *man*, um alimento distinto, que se parecia com o alimento dos anjos. Como, então, puderam reclamar da falta de melões ou alhos?"

"Darei uma resposta amanhã," disse *Rabi Meshulam*.

Quando a entrevista com o rei terminou, *Rabi Meshulam* foi à cozinha real e ordenou ao cozinheiro: "Eu, o médico chefe, ordeno-lhe que coloque o rei sob uma dieta especial. Amanhã não lhe será servido alho com sua refeição." O rei comia alho regularmente após o jantar.

No dia seguinte, não lhe serviram alho algum. Convocou o cozinheiro chefe e censurou-o por sua negligência. "Recebi essas ordens do médico judeu," respondeu o cozinheiro.

O rei convocou *Rabi Meshulam* e disse-lhe, cheio de ira: "Não sabe que não relaxo até que tenha comido alho após a refeição? Por que ordenou que não me dessem alho algum?"

"Meu mestre, o rei," respondeu gentilmente *Rabi Meshulam*. "Que seus ouvidos ouçam o que seus lábios acabaram de afirmar: Sua reclamação por causa de uma simples refeição na qual você sentiu falta do alho que estava acostumado a comer. Durante quarenta anos meus antepassados foram privados de seu alimento normal e subsistiram apenas com o *man*. Como poderiam não ter reclamado?"

"Suas palavras são verdadeiras, e sua *Torá* é verdade," reconheceu o rei.

Considerando que o número de *Benê Yisrael* girava em torno de dois milhões e meio de almas, e que viveram quarenta anos numa maneira que exigia que mantivessem constantemente os mais elevados níveis de *emuná* (fé) e *bitachon* (confiança) e virtude, não podemos condená-los.

De fato, a geração do deserto foi a mais virtuosa de todas as gerações. A severa crítica da *Torá* baseia-se sobre as elevadas expectativas do Todo Poderoso em relação aos judeus daquela época.

Mesmo quando *Benê Yisrael* reclamavam, ainda tinham fé, como demonstrado pela seguinte observação do *Midrash*: Por que o versículo diz que o povo era "como queixosos" (11:1), não deveria estar escrito "E as pessoas eram queixosas"?

Todavia, a *Torá* indica que *Benê Yisrael* nunca reclamaram do fundo de seus corações. Foram subjugados apenas momentaneamente pelos engodos do *yêts'er hará* (má inclinação). Na verdade, desejavam servir a *Hashem*.

Moshê sofre com o pedido por carne e pede líderes que o ajudem

Moshê estava extremamente desgostoso por *Benê Yisrael* terem criticado o *man*, que descia em seu mérito.

Sua crítica ao *man* demonstrava que não estavam satisfeitos com o tipo de alimento que recebiam sob sua liderança. Por conseguinte, Moshê disse a *Hashem*: "Jamais desejei tornar-me líder do povo judeu. Se não fosse por Tua ordem, eu me esquivaria dessa tarefa.

"Transformei-me como que no pai do povo ensinando-lhes *Torá*. Porém isso significa que sou obrigado a fornecer-lhes pão e carne, exatamente como um pai deve sustentar os filhos?

"E mesmo se fosse obrigado a alimentá-los, não posso dar-lhes a carne que querem. Meu mérito pode supri-lhes apenas o alimento angelical, o *man*. Aparentemente, então, não sou o líder adequado para eles.

"Dê-me novos anciãos (*zekenim*), cujo nível está mais perto do povo. Conseguirão mais facilmente comunicarem-se com o povo.

"Contudo, imploro-Te, mata-me antes que Tu concedas o pedido por carne. Tu me mostraste que trarás, ao final, punições através dessa. Não posso suportar ver meu povo sofrer. Portanto, mata-me, para que não veja o mal que recairá sobre eles."

Ao visualizar a punição de *Benê Yisrael*, a força de Moshê esvaneceu-se. Enfraqueceu tanto que não conseguiu terminar as palavras que estava falando.

E *Hashem* continuou: "Diga ao povo que amanhã receberão a carne que pediram – mais do que precisam. Entretanto, pretendo puni-los por terem perguntado: 'Por que deixamos o Egito?' Perecerão após ingerirem a carne."

Novamente Moshê ficou triste: "Será que isto é honroso para Ti, *Hashem*," disse ele, "que alimentes os judeus e depois os castigues com a morte?"

"Assim nenhum deles pensará que sou incapaz de fornecer-lhes carne," respondeu *Hashem*.

"Mesmo assim não ficarão satisfeitos," argumentou Moshê. "Se lhes deres carne de boi, dirão: 'Queremos carne de ovelha e cabras.' Se lhes der carne de ovelha e cabras, reclamarão: 'Queremos carne de boi!'"

"Posso dar-lhes um tipo de comida que satisfaça a todos eles," respondeu *Hashem*.

"Como serão punidos quando receberem a carne, tentarei fazê-los mudar de idéia sobre isso," decidiu Moshê.

"Você não conseguirá convencê-los," advertiu *Hashem*.

"Deixa-me tentar," insistiu Moshê.

Moshê aproximou-se dos reclamantes e falou-lhes gentilmente: "*Hashem* disse-me que os punirá se lhes der a carne. Por isso, façam *teshuvá* e não insistam em conseguir a carne. Viram como *Hashem* fez a água jorrar de uma pedra seca. Da mesma maneira, Ele pode dar-lhes carne no deserto. Confie em n'Ele e não exijam algo que Ele não deseje lhes dar."

As pessoas responderam: “*Hashem* o enviou porque não pode nos satisfazer.”
Moshê percebeu então que os judeus não fariam *teshuvá*. Deixou-os com o coração pesado.

Novos anciãos são eleitos e imbuídos de dom profético (*ruach hacôdesh*)

Hashem a Moshê. “Seu pedido lhe foi concedido. Terá anciãos que o ajudarão na liderança. Escolha setenta sábios que sejam zelosos em cumprirem todas as leis da *Torá*, e traga-os ao *Mishcan*.”

“Mestre do Universo,” replicou Moshê, “como saberei quem é merecedor de ser escolhido?”

“Escolha homens que foram supervisores no Egito. Preferiram apanhar dos egípcios a obrigar seus já exaustos irmãos a trabalhos ainda mais extenuantes. Demonstraram seu amor por seus semelhantes judeus, e portanto merecem posições elevadas.”

(A escolha dos líderes dentre os supervisores judeus, que sofreram em prol da comunidade, ensina-nos que alguém que se sacrifica por *Benê Yisrael* por fim merece honra, grandeza e o espírito Divino.)

Moshê pensou: “Seria justo ter o mesmo número de *zekenim* de cada tribo. Mas se 6 homens de cada tribo tornarem-se *zekenim*, haverá 72 para as 12 tribos, dois a mais. Que duas tribos concordarão em ter um *zaken* a menos?”

Em conseqüência, Moshê resolveu deixar que o assunto fosse decidido por sorteio. Preparou setenta e dois bilhetes. Em setenta escreveu a palavra “*zaken* – ancião”, e deixou dois em branco. Escolheu então seis anciãos de cada tribo e disse-lhes: “Todos vocês devem sortear, mas saibam que dois bilhetes estão em branco. Se sortear um em branco, saibam que esta é a vontade de *Hashem*. Ele não o escolheu. Se tirar um bilhete escrito ancião, aceite a posição de líder, pois você foi escolhido pelo Céu.”

Porém apenas setenta homens apareceram perante Moshê, ao invés de setenta e dois. Dois dos homens que haviam sido escolhidos como *zekenim*, Eldad e Medad, eram muito humildes. Disseram: “Não merecemos ser *zekenim*. Não tomaremos parte no sorteio. Por isto, os outros setenta se tornarão *zekenim*.”

Enquanto Moshê reunia os setenta homens em frente ao *Mishcan*, a nuvem de *Hashem* desceu, e *Hashem* falou com Moshê. Enquanto Moshê vivenciava a profecia de *Hashem*, algo desta profecia derramou-se sobre os *zekenim*.

Hashem disse a Moshê: “Somente você estava destinado a liderar Meu povo. Na verdade, imbuí você com a habilidade necessária para supri-los com o que quer que necessitem. Todavia, uma vez que pediu que outros compartilhem de sua grandeza, dê-lhes parte de seu *ruach hacôdesh*. Eles não receberão *ruach hacôdesh* diretamente de Mim.”

Embora parte da profecia de Moshê repousasse sobre os *zekenim*, sua própria profecia não se tornou menor. Moshê era como uma vela, na qual muitas são acesas. Acender outras velas não faz com que a luz de uma enfraqueça.

Eldad e Medad receberam profecia diretamente de *Hashem*

Enquanto os anciãos ainda estavam no *Mishcan*, o espírito de *Hashem* pairou sobre Eldad e Medad, que começaram a profetizar.

Disse *Hashem*: “Vocês foram humildes; por isso, Eu os elevarei sobre os outros anciãos.”

Eldad previu: “Moshê deixará este mundo, e Yehoshua, o servo da comunidade, o sucederá. Yehoshua levará os judeus à Terra, e tomará posse desta.”

Medad profetizou: “Breve, aves de nome *selav* serão trazidas do mar, cobrirão o acampamento e se tornarão uma cilada para *Benê Yisrael*.”

O filho mais velho de Moshê, Guershon, correu ao *Mishcan* para relatar as palavras de Eldad e Medad.

Yehoshua, que percebera que estes dois homens receberam suas profecias diretamente de *Hashem*, sem a mediação de Moshê, exclamou: “Meu Mestre Moshê, rogue a *Hashem* que retire o *ruach hacôdesh* deles! Merecem a pena de morte por profetizar independentemente na presença de seu mestre!”

Moshê, contudo, não estava preocupava com o fato de que *Hashem* elevara outros profetas além dele, e que esses previram seu falecimento.

“Você não precisa zelar por mim, Yehoshua,” tranqüilizou seu pupilo. “Estou contente que eles foram diretamente inspirados por *Hashem*. Meu sincero desejo é que todos os judeus pudessem se tornar profetas desse calibre!”

Moshê, o mestre de todos os profetas, alcançou a perfeição de caráter. Era completamente indiferente à sua honra pessoal, e preocupado apenas com o benefício de seus semelhantes.

***Hashem* fornece a carne**

No dia seguinte, *Hashem* cumpriu Sua promessa de fornecer carne em abundância. Um vento forte começou a soprar, trazendo aves na direção do acampamento. Eram aves gordas, chamadas *selav*. Grandes quantidades voaram pelo acampamento.

Esta era a última chance para que os reclamantes fizessem *teshuvá*! *Hashem* havia provado Seu grande poder; havia satisfeito o desejo deles por carne. O povo deveria ter sido humilde e pedido o perdão de *Hashem*.

Ao invés disso, apanharam avidamente os *selav*. Eram cobiçosos. Queriam carne suficiente para muitas, muitas refeições – não apenas o suprimento para um dia, como o *man*! Até mesmo os preguiçosos pegaram tantas aves quantas puderam.

Então abateram e salgaram as aves conforme a *Halachá*. Depois, puseram-nas em espetos e assaram-nas em seus fornos. As aves *selav* eram tão gordas que cresceram, enchendo o forno completamente. E a carne era pesada com gordura; tinha que ser comida junto com um acompanhamento.

Os judeus banquetearam-se! Comeram até sentirem-se fartos. O *selav* tinha um sabor maravilhoso. Ao mesmo tempo, tinha o sabor de carne, ave e peixe.

Mas *Hashem* puniu os pecadores; apenas os *tsadikim* não foram afetados pelo *selav*.

Agora o povo entendia que havia pecado. Deveriam ter se controlado. Não deveriam ter pedido uma comida que realmente não desejavam.

Moshê denominou esta parada de “*Kivrot Hataavá* – Túmulos da Concupiscência”, pois os que ansiavam por carne lá pereceram.

Literalmente, *Kivrot Hataavá* significa: “Túmulos da Luxúria”. Não apenas os luxuriosos foram enterrados lá, mas também os desejos das pessoas. Aprenderam que tentando livrar-se das restrições da *Torá* e mergulhando em desejos e luxúria, a pessoa não atinge ganhos mentais nem físicos. Pelo contrário, leva-a ao túmulo.

Miriam fala a Aharon sobre Moshê

O dia em que os setenta anciãos foram escolhidos foi um dia de grande felicidade para *Benê Yisrael*. Acenderam velas e participaram do júbilo da recém adquirida grandeza desses homens.

“Quão afortunadas são as esposas desses anciãos, a quem foi concedido *ruach hacôdesh!*” exclamou Miriam, irmã de Moshê.

A esposa de Moshê, Tsipora, que estava a seu lado observou: “Muito pelo contrário! Elas ficam, desta maneira, infelizes. Seus maridos agora se separarão delas.”

Miriam já havia notado antes que Tsipora negligenciara sua aparência. “Por que você não se veste como as outras mulheres, Tsipora?” perguntou-lhe.

“Seu irmão não se importa com minha aparência,” replicou Tsipora.

Agora a verdade ficara clara para Miriam. Por que seu irmão não obedecera a ordem Divina de frutificar e multiplicar? Como irmã mais velha, era responsável por tomar o assunto em suas mãos. Iria discuti-lo com Aharon, ele certamente concordaria com seu ponto de vista.

Encontrou Aharon e Moshê à entrada do *Mishcan*, e falou com Aharon na presença de Moshê. Não se importava que Moshê ouvisse a conversa, uma vez que não tinha más intenções, mas queria apresentar o assunto corretamente para o bem de Moshê. Dirigindo-se a Aharon, começou a elogiar a extraordinária beleza de Tsipora, bem como sua virtude. A grandeza de Tsipora era tão óbvia e inegável como a cor preta da pele de um negro, não obstante era uma mulher de maravilhosa *tseniut* (recato e modéstia).

(Nesta *Parashá* Tsipora é chamada de “*isha cushit* / uma mulher etíope”. Esta é a origem da comparação entre a negritude e sua destacada grandeza. Porém, alguns comentários interpretam essas palavras literalmente, sustentando que Tsipora era realmente negra.)

Miriam envolveu Aharon na discussão, como se segue:

(Nossos sábios não relatam as palavras exatas de Miriam e Aharon, e o texto, assim, é uma aproximação de sua conversa real.)

“Ouvi que Moshê não vive com sua esposa,” disse-lhe. “Não está justificado em agir assim com Tsipora.”

“Porém, aparentemente, *Hashem* concorda com Moshê,” respondeu Aharon, “pois Ele não o censurou.”

“Não,” concluíram ambos, “isto não prova que Moshê agiu corretamente. *Hashem* leva a pessoa no mesmo caminho que ela escolhe trilhar. Uma vez que Moshê separou-se voluntariamente de sua esposa, *Hashem* subseqüentemente consentiu.”

“Nossos Patriarcas também eram profetas, porém não se separaram de suas esposas. Nós também somos profetas, mas o Todo Poderoso não ordenou que nos separemos de nossos cônjuges. Moshê também poderia viver uma vida normal, se assim escolhesse.”

Moshê, que ouvira a conversa inteira, poderia facilmente ter se defendido, refutando que era profeta, mais elevado que os Patriarcas, Miriam e Aharon. Poderia explicar que ele, que deveria estar sempre preparado para receber profecia, precisava separar-se de sua esposa permanentemente, e que *Hashem* sancionara sua decisão.

Contudo, Moshê não formulou resposta alguma, pois não havia se ofendido ao ouvir uma observação pejorativa sobre si. Não havia ninguém mais humilde que ele. Por causa de sua modéstia, nunca revelou a Aharon ou Miriam que suas revelações eram infinitamente mais elevadas que as concedidas a outros profetas.

A extrema humildade de Moshê

A *Torá* testemunha que "O homem Moshê era extremamente humilde, mais que qualquer outra pessoa sobre a terra" (11:3). Era humilde a seus próprios olhos, e era o mais paciente dos homens.

Moshê era ainda mais humilde que os Patriarcas.

Sua humildade não era devida à alguma fraqueza, defeito ou inferioridade da qual tivesse consciência. Moshê era excelso em todas as áreas, combinando todas as qualidades desejadas pelas pessoas.

Como é possível que Moshê fosse o mais humilde dos homens, apesar de seus talentos e realizações excepcionais?

Mais que qualquer um, Moshê compreendeu que "*Lecha Hashem hagedulá vehaguevurá vevatiferet vevanetsach... / Para Ti, Ó Hashem, é a grandeza, e a força, e a glória, e a vitória, e a Majestade; pois tudo o que está no Céu e na terra é Teu; Teu, Hashem, é o governo, e Tu és exaltado como cabeça acima de todas*" (*Divré Hayamim* 29:11).

Quanto mais profunda é a percepção de *Hashem* que a pessoa tem, mais claramente percebe que o que realizou é completamente insignificante em comparação a todos os benefícios que recebe d'Ele. Ele vê seus dons ou talentos não como fonte de orgulho, mas sim, como uma responsabilidade a ser utilizada a Serviço de *Hashem*.

A inigualável humildade de Moshê foi uma das virtudes que fizeram com que merecesse a experiência da *Shechiná* mais do que qualquer outro homem, e ser escolhido como o transmissor da *Torá* Divina.

Hashem defende Moshê mostrando sua superioridade sobre todos os outros profetas

Moshê não se defende; em vez disso, *Hashem* defendeu-o.

De repente, Moshê, Aharon e Miriam ouviram a voz Divina. A Voz dirigia-se a cada um deles individualmente, no mesmo instante (um milagre que só *Hashem* pode realizar), e ordenou-lhes entrarem na parte interna do *Mishcan*. Aharon e Miriam ficaram atônitos ao som da voz de *Hashem*, pois estavam impuros. Percebiam agora que Moshê precisava separar-se de sua esposa porque nunca sabia quando as palavras de *Hashem* o alcançariam, e portanto, exigia-se que estivesse num estado de pureza constante. Eles, por outro lado, só recebiam comunicação Divina apenas depois de terem se preparado.

Hashem explicou a Aharon e Miriam: "Não falo com Moshê como faço com outros profetas. Todos os outros profetas tiveram visões em sonho, ou, se acordados, sob a forma de parábolas e enigmas que requerem interpretação. As profecias de Moshê são diferentes. Eu falo com ele face a face com perfeita claridade. Ele está a vontade em Meu reino superior, e tem domínio até sobre os anjos. Confio nele completamente."

Nossos sábios ilustram a superioridade de Moshê como se segue:

Todos os profetas, exceto Moshê, podem ser comparados a alguém que se olha no espelho. Vê o reflexo dos objetos atrás de si, mas não sabe o que há do outro lado, uma vez que não pode enxergar através desse.

Similarmente, os profetas tiveram a visão de *Hashem* como "*aspaclaria sheená meirá*" (visão não iluminada), uma visão indistinta. Por causa de suas limitações, não conseguiam perceber a essência de *Hashem*; por conseguinte, suas visões eram meros reflexos.

Moshê, por outro lado, era como alguém que olha através de vidro transparente, e discerne claramente o objeto por trás deste. Portanto, sua visão de *Hashem* é denominada de "*aspaclaria hameirá*" (visão iluminada), uma visão lúcida e penetrante.

Hashem repreende Miriam e Aharon; Miriam é punida

Hashem censurou Aharon e Miriam: "Erraram em comparar Moshê a outros profetas. Era permitido a outros profetas continuarem a manter relações maritais, mas era necessário que Moshê se separasse de sua esposa. Como ousaram falar sobre um homem como Moshê, que é Meu servo leal?"

Hashem estava irado com Aharon e Miriam, e tratou de puni-los. Antes de fazê-lo, contudo, Ele fez com que a Nuvem da *Shechiná* se elevasse e partisse de sobre o *Mishcan*, como para demonstrar que *Hashem* não consegue suportar ver *tsadikim* sofrendo, pois Ele se apieda deles.

Apesar de suas palavras não terem sido proferidas por malícia, mas por preocupação pelo bem-estar de Moshê, e apesar deles não terem falado por trás das costas, mas em sua presença, *Hashem* considerou que Miriam e Aharon eram culpados de *lashon hará* (maledicência). Ele imediatamente golpeou-os com *tsaraat* (lepra), a penalidade para maledicência e difamação.

Tanto Aharon quanto Miriam ficaram com lepra, mas Aharon apenas por um instante. Logo em seguida, sua *tsaraat* desapareceu. A de Miriam permaneceu, pois ela é quem começara a falar sobre Moshê. Todavia, Aharon ficou angustiado ao ver a pele de sua irmã num tom esbranquiçado, cuja mera visão constituía uma punição para ele também.

"Por favor, meu mestre," implorou Aharon a Moshê, "não nos culpe, pois pecamos.

"Nós três nascemos de uma mãe. Se Miriam ficar leprosa é tão duro como se metade de nossa carne estivesse morta.

“Por favor, reze a *Hashem* para que a cure, ou então ela deverá permanecer uma eterna leprosa. Um *cohen* que é parente de um leproso não pode declará-lo puro. Somos dos mesmos pais, portanto, nunca poderei declará-la pura.”

A oração de Moshê por sua irmã

Moshê clamou a *Hashem* que curasse Miriam. Desenhou um pequeno círculo ao redor de si, ficou no centro e implorou a *Hashem*: “*Kel na refá na la / D'us*, (em Cuja Mão está todo o poder de cura), por favor, cure-a agora! Não deixarei este círculo até que minha irmã esteja curada!”

Manteve sua prece curta, para que zombadores não dissessem: “Vejam Moshê! Para sua irmã ele reza extensamente, mas não para nós!”

Certa vez, um dos estudantes de *Rabi Akiva* foi chamado para liderar as orações. Fez uma prece muito breve. Os outros alunos zombaram dele.

“Olhe para este estudante cuja prece é tão curta!” – falaram.

“Deixem-no em paz,” disse *Rabi Akiva*. “Por acaso ele rezou mais brevemente que Moshê Rabênu, quando sua irmã estava doente? Moshê rezou com apenas cinco palavras a *Hashem*!”

Às vezes, é certo rezar brevemente e às vezes, por mais tempo. Mas para que *Hashem* ouça nossa *tefilá*, o mais importante é meditar sobre as palavras que se está rezando.

Hashem perguntou a Moshê: “Por que te desesperas?”

Moshê respondeu: “*Hashem*, sei o quanto é doloroso a pessoa ser atacada de *tsaraat*. Lembro-me de como certa vez enviaste *tsaraat* sobre mim. Quando primeiro Tu apareceste para mim na sarça ardente, enviaste *tsaraat* sobre mim.”

Hashem disse: “Ouvi sua *tefilá*. Curarei Miriam. Entretanto, não a curarei imediatamente. Miriam deve ficar fora dos três acampamentos por sete dias.”

Miriam teve de deixar todos os três acampamentos como todas as outras pessoas que tinham *tsaraat*. Desta maneira, *Benê Yisrael* souberam de seu pecado.

Era exatamente o que *Hashem* desejava! Ele queria que eles aprendessem com ela. Deveriam perceber: se *Hashem* é tão rigoroso com Miriam, que ama o irmão e só falou *lashon hará* para ajudá-lo, quão mais severo será com alguém que fala *lashon hará* intencionalmente!”

Esta lição deveria ter ensinado *Benê Yisrael* a serem cuidadosos a respeito de *lashon hará*. Quando os espiões mais tarde retornaram e falaram mal de *Êrets Yisrael*, eles não deveriam ter aceitado as palavras dos espiões. Mas não aprenderam com Miriam.

“Mesmo punindo Miriam, Devo conceder-lhe sua honra especial de *tsadeket*. Uma vez que Aharon, que é seu parente, não pode examiná-la e declará-la pura ou impura, Eu, pessoalmente devo agir como seu *cohen*. Eu a colocarei em reclusão como leprosa, e Eu a declararei pura.”

Miriam é também recompensada

Após Miriam ter se recuperado da *tsaraat* um milagre ocorreu.

Quando Miriam foi acometida de *tsaraat*, ficou fatalmente doente. Mesmo depois que a lepra desapareceu, ainda estava muito doente. Seu marido Calev, com grande auto-sacrifício, nutriu-a até que sua saúde se restabelecesse com alimentos e remédios apropriados.

Quando se recuperou, a felicidade de Calev era imensa, pois abandonara a esperança de que ela recuperasse plena saúde.

Ele realizou uma segunda cerimônia de casamento, como se estivesse casando com Miriam pela primeira vez.

Um milagre transpirou: Miriam foi rejuvenescida e sua face tornou-se jovem e resplandecente, florescendo como uma rosa.

Tanto Miriam quanto sua mãe Yochêved mereceram o milagre do rejuvenescimento como recompensa Celeste parcial por terem arriscado suas vidas quando, como parteiras no Egito, desobedeceram as ordens do Faraó para matar as crianças judias ao nascerem.

Ao mesmo tempo que Miriam era punida, foi também recompensada. Durante os sete dias em que ela estava fora do acampamento, a nuvem de *Hashem* não se afastou do *Mishcan*. Toda a nação esperou até que Miriam se juntasse a eles antes que a próxima jornada começasse. *Hashem* recompensou Miriam da mesma maneira que ela agiu.

Quando era pequena, esperou por Moshê à beira do Nilo por cerca de um quarto de hora, até que a filha do Faraó o resgatasse das águas. Em troca, *Hashem* fez com que uma população de mais de dois milhões de almas, incluindo Moshê e Aharon, bem como as Nuvens de Glória e a Arca, esperassem por ela por sete dias. Isto demonstra que mesmo a menor boa ação que a pessoa realiza é generosamente recompensada.